

arrogantemente as portas e investir contra diretores, contra chefes de seção, enfim, contra todo o funcionalismo do Poder Legislativo de São Paulo.

E o Plenário da Assembleia não pode perder o seu tempo, que é precioso, em exame de caso de funcionário que é médico e não enverga o seu avental. Isso é problema da administração, isso é problema do deputado com a Secretaria da Assembleia, isso é problema do deputado com o Presidente da Assembleia, mas não é problema da Casa, não é problema do Poder, não é problema da Casa de Leis que deve respeito ao povo de São Paulo e que deve tratar de maneira limpa, clara, meridiana, os altos problemas de interesse do Estado que, por ser o maior da Federação Brasileira, tem, por isso mesmo, maiores encargos e a maior soma de responsabilidade no concerto do todo. (Muito bem!)

A nossa frente a Taquígrafia, registrando as nossas palavras, a Taquígrafia que suporta o peso da presença dos parlamentares na tribuna. E quantos deles dão a essa mesma Taquígrafia o trabalho de quase precisar decifrar. A maneira de Champollion, não os hieróglifos inscritos na pedra, mas o arrevessado da linguagem tosa, embrutecida. Que tratos não têm que dar à imaginação para ordenar aquilo que pensou dizer mas que muitas vezes não disse, pelo menos com clareza, o parlamentar na tribuna. São uns príncipes, ganham como nababos... mas, no entanto, estes moços vivem seduzidos agora por Brasília, que oferece melhores condições de retribuição pelo seu trabalho de alto nível técnico. E conseguem eles vencer pesadíssimos concursos na Câmara Federal e no Senado, que demonstram maior reconhecimento à sua capacidade. A própria Câmara Municipal de São Paulo retribui melhor.

Servidores há que anotam os dados para elaboração do nosso jornal diário, da Ata dos nossos trabalhos, silenciosamente. E quanto e quantos serviços, também no silêncio e no anonimato, permitem que esta Assembleia funcione. Pois não está aqui — apenas para citar um nome na exaltação do nome a exaltação a todo o serviço — não está aqui a D. Yeda, que consegue o milagre de saber o que os deputados não sabem sobre o andamento regimental de todas as proposições, da situação de cada uma delas em cada uma das Comissões. Não está aqui o Serviço Legislativo, que se dobra à vontade toda poderosa da maioria parlamentar ou da Presidência, que convoca com intervalo de 10 ou 15 minutos uma sessão extraordinária, o que obriga os moços a providenciarem nesse espaço de tempo avulsos da Ordem do Dia que devem ser distribuídos a todos os Srs. deputados. Não estão aí tantos e tantos serviços desta Assembleia, destes contínuos, destes porteiros, destes serventes, destes auxiliares da Guarda Civil, que a cada passo esbarram na vontade do parlamentar se contrapondo à determinação da Mesa, à determinação da administração. Pois não estão aí os chefes de seção, os diretores e o próprio diretor geral, a reatizar uma ginástica extraordinária: — a de caminhar no arame para atender a gregos e troianos, que se engalfinham nesta Casa e que sofrem apenas os pequeninos, porque quando encontram pela frente um poderoso a voz se torna mais suave, mais macia, meliflua mesmo.

O Sr. José Lurtz Sabia — V. Exa. me concede um aparte?
O SR. ARARIPE SERPA — Não. Não concordo com essas críticas que se fazem da tribuna, de maneira indiscriminada, visando a um e outro, e não concordo com a maneira de falar com arrogância, de quem diz que exige, que impõe e que quer. Nesta Casa ninguém impõe, exige e quer. Este é um colégio onde a vontade não é a de um homem apenas. Há que vingar a vontade de, pelo menos, a metade mais um. Srs. deputados, quem quiser estabelecer críticas pode fazê-lo, mas com sobriedade, com propriedade, com justiça, junto a quem de direito e não desta tribuna, mas no Gabinete da Presidência. A Presidência é sensível aos apelos do Plenário. O Sr. Secretário é sensível também ao apelo do Plenário. Todos são sensíveis aos apelos da Diretoria Geral, que se irá esmerar no atendimento das justas pretensões dos Srs. deputados. Saúdo o nobre deputado Januário Mantelli Neto, felicitando S. Exa. pelo acerto de sua medida, propondo entendimentos com o IDORT para que se proceda ao exame das condições atuais da Secretaria da Assembleia Legislativa, para que se produza, com justiça e com justiça, a reorganização dos quadros da Secretaria da Assembleia. Entretanto, os servidores da Assembleia não são nababos nem são príncipes. Recebem bom salário, face aos outros servidores. No entanto, as condições desses servidores da Assembleia não podem ser postas em pé de igualdade com as dos servidores do Executivo, pois aqueles estão obrigados a horários que não são exigidos destes. Nem por isso devemos desmerecer os funcionários do Executivo, que merecem todo o acatamento e respeito que sempre lhes demos, em consonância com os nossos pontos-de-vista. Mas se a Casa continua trabalhando por 10, 20 ou 30 horas seguidas, como muitas vezes tem acontecido, varando noites e dias, esses servidores aqui permanecem, atentos à convocação de S. Exa., o Sr. Presidente. Essa diversidade de horários está a mostrar a necessidade de um tratamento diferente, que precisa ser dado a esses honrados e dignos servidores do Poder Legislativo do Estado de São Paulo. Mas ainda há mais. É estafante o trabalho a que estão submetidos estes servidores em contacto permanente com aqueles que, desenganados e destituídos de buscar justiça em outros setores de atividades na terra de São Paulo, vêm à Assembleia de São Paulo pedir aos legisladores, pedir aos deputados uma solução para os seus problemas. E esta não é a Casa que deve ensinar, que deve oferecer ou que possa propiciar soluções individuais aos problemas de cada um. É a Casa que deve oferecer soluções coletivas, soluções para o povo, conjuntamente, e não solução para este ou aquele.

Se temos vícios, se temos defeitos, se temos erros, se temos mazelas na nossa organização, eles devem ser corrigidos, melhorados, esconçados. Mas não com esta indignação que generaliza e que alcança a todos, todos alcançados por essa afirmação de que aqui pouco ou nada se faz ou que aqui ninguém trabalha e que só talvez o deputado que assim acusa seja o único trabalhador.

O Sr. José Lurtz Sabia — V. Exa. me permite um aparte?
O SR. ARARIPE SERPA — Com o mandato que recebemos...
O Sr. José Lurtz Sabia — V. Exa. me permite um aparte?
O SR. ARARIPE SERPA — Já disse a V. Exa. que no instante em que concluir, darei quantos apartes V. Exa. desejar.
O Sr. José Lurtz Sabia — Esperarei a oportunidade.
O SR. ARARIPE SERPA — V. Exa. aguarde a oportunidade. Eu, pacientemente, ouvi V. Exa.

Com o mandato que recebemos e com a consciência que cada um de nós possui e que traz do berço e no ensinamento que herdamos de nossos pais, sabemos da responsabilidade que pesa sobre os ombros de cada um de nós. Se existem aqui servidores que não trabalham, são em número diminuto, e se se buscar a razão desse fato, certamente será a proteção, o dedo de algum parlamentar. Mas isto não justifica, de maneira nenhuma, a crítica a que aqui se procedeu. Os servidores da Assembleia Legislativa de São Paulo, pela sua esmagadora maioria, são servidores dignos, honrados, que trabalham e que merecem o nosso acatamento, o nosso respeito, respeito que daremos e que reverenciaremos desta tribuna a cada dia e a cada momento se assim for preciso, se assim for necessário.

O Sr. José Lurtz Sabia — Nobre deputado Araripe Serpa, ouvi com atenção o belo discurso proferido por V. Exa., vibrante orador que é, empolgante, envolvente até.

O SR. ARARIPE SERPA — Dispense o desnecessário. Os adjetivos não são chamados neste instante.

O Sr. José Lurtz Sabia — Mas não me deixo contaminar pelas palavras notáveis de V. Exa., porque, pelo que percebo, V. Exa. vem ao encontro da tese que eu defendo; veio argumentar com mais profundo conhecimento, com uma ilustração, poderemos dizer assim, de alta expressão cultural, cuja expressão cultural eu não posso porque sou um deputado modesto.

O SR. ARARIPE SERPA — Vá ao assunto. Excelência.

O Sr. José Lurtz Sabia — V. Exa. disse que servem de exemplo os servidores da Assembleia, em determinada altura do seu discurso. Claro. E vê V. Exa. que estou defendendo, exatamente, os bons servidores. Mais adiante V. Exa. afirmou: "o trabalho permanente desses funcionários..." Claro... Estou plenamente de acordo com V. Exa. Num outro tópico disse V. Exa. que "o parlamentar aqui não respeitava os servidores"; pelo contrário, porque eu tenho me batido e citado como exemplo os bons servidores, mas, também, mostrando que os maus servidores vêm desprestigiando o trabalho daqueles que, realmente, amam esta Casa. Mais adiante V. Exa. citou que "sofrem apenas os pequeninos..." Claro que são os pequeninos que sofrem mesmo, porque os grandes, esses não precisam, pois vem receber a sua "função gratificada" sem prestar nenhum serviço à Assembleia. Mais adiante diz V. Exa. que eu estou com arrogância, como parlamentar, que estou exigindo, que apenas o secretário, o diretor... Claro que pedi ao diretor da Casa, claro que pedi ao Presidente desta Casa, aos secretários. Claro que mostrei certas irregularidades. Não tomaram providências. Resolva a este deputado o que? A tribuna. Mais adiante V. Exa. disse: os servidores que não trabalham são em número diminuto. Posso mostrar a V. Exa. — e apenas em aparte não dá — que tenho aqui resposta ao meu requerimento, capando uma relação de servidores comissionados nos gabinetes desta Casa. E vou mostrar a V. Exa. que estou com a razão. Vou fazer um levantamento total, a fim de que V. Exa. tome conhecimento dos comissionamentos feitos nesta Assembleia Legislativa. Nem 10% dos funcionários comissionados prestam serviços à Casa. Pro-

varei a V. Exa. E mais ainda: posso mostrar a V. Exa. que há servidores que pediram comissionamento aqui só para encosto e não para trabalhar, desprestigiando a grande maioria dos funcionários que trabalham. Isto é o que poderia dizer, num aparte, e aguardo as considerações de V. Exa. para responder à altura, porque aqui sou um representante do povo e estou procurando cumprir o meu dever.

O Sr. Arruda Castanho — V. Exa. me permite um aparte?
O SR. ARARIPE SERPA — Antes de conceder o aparte ao nobre deputado Arruda Castanho, devo dizer duas palavras: que estranho a maneira do nobre deputado José Lurtz Sabia, que disse respeitar os servidores desta Casa, no seu proceder. Quem invade uma seção onde se trabalha...

O Sr. José Lurtz Sabia — Não apoiado.
O SR. ARARIPE SERPA — ... para colher informações, passando por cima da autoridade hierarquicamente constituída, não respeita um servidor; e não o respeitando, não pode falar em mesmo em respeito. As exigências do parlamentar não sou eu quem as inventa. Basta o exame do registro taquígrafico desta sessão e das anteriores, onde S. Exa. afirma: vou exigir; quero que seja assim. E mais ainda. S. Exa. fixa até data.

Eu me recordei que antes do recesso parlamentar S. Exa. anunciava, num dos seus discursos: a partir do dia 1.º, ai dos serviços que não estiverem regularizados! Como se Atílio, o rei dos hunos, devesse desabar sobre a maioria da Assembleia Legislativa. Não inventei estas expressões. Estão registradas nos Anais.

O Sr. Arruda Castanho — V. Exa. me permite um aparte?
O SR. ARARIPE SERPA — Concede o aparte ao nobre deputado Arruda Castanho e pediria ao nobre deputado Blota Júnior, se possível, que me cedesse mais 3 minutos do seu tempo.

O SR. BLOTA JÚNIOR (Sem revisão do orador) (Para reclamação) — Sr. Presidente, V. Exa. fez constar à Casa que eu cedi parte do meu tempo ao nobre deputado Araripe Serpa. Gostaria de consignar o seguinte: permutamos as nossas inscrições. Pode S. Exa. dispor do tempo regimental. Depois que S. Exa. terminar, farei valer a minha inscrição.

O SR. PRESIDENTE — Inicialmente, a Presidência anunciou que havia sido estabelecida a permuta, concedendo-a por tempo determinado.

O SR. ARARIPE SERPA — Muito grato a V. Exa., Sr. Presidente, e ao nobre deputado Blota Júnior. Prometo sair da tribuna rapidamente. Todavia, concedo o aparte ao nobre deputado Arruda Castanho.

O Sr. Arruda Castanho — Nobre deputado Araripe Serpa, estava eu numa dependência desta Casa, ouvindo o discurso de V. Exa. com a deferência que merece V. Exa., quando ocupa a tribuna. O nobre deputado José Lurtz Sabia realmente generalizou. E ele tem o costume de generalizar. E S. Exa., reiteradas vezes, disse: eu, que represento o povo nesta Casa; eu, o modesto representante do povo nesta Casa. S. Exa. veio a esta Casa como nós, por delegação de eleitores do Estado de São Paulo. E S. Exa. se arrogou o direito de dizer: eu quero, eu exijo. Aqui nós não exigimos nada. Isto é um colégio. Nós somos vários deputados. Não tenho vocação policial. Sr. Presidente, para ficar vendo funcionário receber o seu ordenado. Não tenho vocação policial para ir às seções ver quem entra e quem sai. Temos aqui uma Secretaria, há uma hierarquia, há um Presidente. O deputado Sabia solicitou informações reiteradas vezes, e as informações chegaram às mãos de S. Exa. S. Exa., então, que use estas informações que recebeu. Mas o deputado Sabia, com aquela arrogância que lhe é peculiar, vem aqui com essa aura de patativa, patativa que fica emperrando projetos de lei, prejudicando muitas vezes mais o andamento desta Casa do que os próprios funcionários, porque a cada projeto de lei que se discute nesta Casa o deputado pede a palavra e fica meia hora a fazer as suas demonstrações de oratória, muito bem ataviadas, verdade seja dita, muito bem feitas... Disse S. Exa., certa vez, que fala sem pensar; mas, tenho a impressão de que pensa para falar, mas fala demais. E vem com esta arrogância, como se fosse o ditador desta Casa. Ora diz que vigia os funcionários, ora se arroga o direito de tomar a Secretaria sob suas mãos. Seria melhor que fizessemos uma comissão e delegássemos ao ilustre deputado Sabia — já que funciona ele como policial, fato raro neste Parlamento — a função de ver quem entra, quem sai, quem não recebe, quem recebe e porque recebe. Acho que o zelo do nobre deputado Sabia é louvável, deve saber o que ocorre nesta Casa; mas, não deve deixar de receber as informações oficiais da Casa porque ela não é do deputado Sabia. Somos cento e tantos deputados, e todos nós temos os mesmos direitos de S. Exa. E, modestos como somos, temos também interesse em saber como andam os trabalhos da Assembleia, como funciona esta Casa. Mas, nunca com esta arrogância, com este furor, como se S. Exa. o deputado Sabia fosse o único virtuoso, o único independente, o único que vem a esta Casa com delegação do povo.

Costumo desconfiar muito, nobre deputado Araripe Serpa e nobre deputado Lurtz Sabia, daqueles que usam muito o "eu": "eu" sou, "eu" faço... Recordo até daquele que foi fazer um discurso na Bahia e disse: Bahia, terra minha e de Ruy Barbosa! Mas, não somos "eu", somos nós, somos um colégio. Quando falamos nós, falamos em nome do povo. Isto é "eu" sou, "eu" faço, "eu" exijo" é muito bonito lá fora, nos comícios eleitorais, mas na Assembleia não funciona. Aqui, o que funciona é a equipe. S. Exa. tem o direito de exigir informações sobre os funcionários, mas dentro do Regimento, e pode mostrar o que recebeu do Presidente porque aqui não há nada escondido, não há nada subreptício, nada à socapa, nada à sorrelha, nada que não seja publicado no "Diário Oficial". Não existe nada sobre comissionamentos, nada sobre aproveitamentos, que não seja publicado no "Diário Oficial". Aqui não se faz nada escondido, como se a Mesa e os deputados fossem uma quadrilha, fossem um velhacouto. Não vá V. Exa. compreender a Assembleia Legislativa — que S. Exa. procura honrar — como um lugar onde se fazem coisas na calada da noite, às escondidas. Não! O "Diário Oficial" publica tudo! É louvável que S. Exa. queira saber tudo, mas o que não pode fazer é generalizar: tudo o que não for do deputado Sabia não pode ser desta Assembleia. Nós, afinal, não entamos a mesma cantiga do deputado Sabia, que tem o bico afiado e seus gorgeios são maviosos. S. Exa. tem o direito de falar mas não tem o direito de generalizar; e, quando falar dos funcionários, não deve colocar como se todos eles fossem uma cáfila de incapazes e de vagabundos, de homens sem nenhuma competência. E não pode generalizar também, quando se refere aos deputados, como se fosse juiz. Aqui, cada um é juiz de si mesmo, de sua consciência, e o povo que nos enviou aqui é o juiz supremo. Não é com torneios oratórios, com jogos de figuras literárias e com tagarelices que resolvemos os problemas do povo que precisam ser resolvidos numa sequência rápida, com projetos tramitando rapidamente. Não é sheguando projetos que se prestam serviços ao povo. Preste S. Exa. serviços ao povo fiscalizando esta Casa e estaremos com ele, mas nunca deve generalizar, como se fosse o único juiz nesta Assembleia.

O Sr. José Lurtz Sabia (Com assentimento do orador) — Nobre deputado Araripe Serpa, tenho a impressão que tanto V. Exa. como o nobre deputado Arruda Castanho incidem no mesmo erro: que sempre generalizou no que tange à máquina desta Assembleia. Nem todos podem ver, podem ler nos Anais desta Casa, de que a minha preocupação foi, exatamente, a de prestigiar os bons servidores e só, então, que a Casa possa funcionar, quando não existirem os privilegiados, porque a displicência de certos servidores é em razão de perceber que, paralelamente a seu trabalho, a sua atividade, existem aqueles que são beneficiados pela máquina política. Diz V. Exa. que passo por cima das autoridades constituídas, ou seja, da diretoria. Absolutamente. Pedi e fiz o requerimento. No caso, por exemplo, do orador titular desta Casa. Estava na sua casa não comparecia à Assembleia. Fiz o discurso, aqui, reclamando sobre quem era dono do cargo. Não queria saber sobre o que estava assumindo o cargo. Não me interessava se era bom ou mau. O que não se justifica é o funcionário da casa não prestar serviços. Depois tomei conhecimento que o mordomo mandou umacarta à direção da Casa, que queria reassumir seu cargo, porque o cargo lhe pertencia. Não foi nem processado administrativamente. E o presidente da casa, em boa hora, mandou lhe dar o lugar. Agora é o caso do médico. São tantos outros. Se for citar o caso dos "fg", a casa cai por cima de mim. Se for citar os casos que existem, cinema durante a tarde, etc., a casa cai. O caso do médico: quem não conhece o médico? Quem já viu o Sr. Carvalhosa vestir um avental branco? Eu não vi. Quem pode provar? Resultado: desprestígio para os próprios colegas. O que acontece é que o médico se sente desprestigiado. O Sr. Carvalhosa tem padrinho. Venho aqui, dou meu expediente e ele não dá. Percebe V. Exa. que estou elogiando o bom servidor e apontando o mau servidor.

Tenho um relatório que não lhe posso dar ao conhecimento num aparte, mas vou fazer um levantamento para V. Exa. verificar que estou dentro da razão. O que desejo humildemente é cumprir meu dever. A casa nos pertence, a todos os parlamentares e ao povo. E vendo essa série de falhas me acho na obrigação de procurar saná-las, contrariando às vezes os próprios colegas, criando, às vezes, casos pessoais, sendo antipático, arrogante, sofrendo críticas, às vezes, como a do deputado Arruda Castanho, de emperrar os trabalhos da casa.

Para concluir, nobre deputado, sinceramente digo a V. Exa. e a todos os Srs. parlamentares que meu desejo é praticar nesta casa justiça para todos e não apenas privilégios para alguns. Esta será minha luta.

O SR. ARARIPE SERPA — Para concluir, Sr. Presidente, o nobre deputado José Lurtz Sabia procura reparar as afirmações que fez da tribuna. S. Exa., entretanto, jamais veio à tribuna para exaltar servidores desta Casa;